

POLÍTICA ECONÔMICA

Economistas

ESTADO DE SÃO PAULO

acham difícil inflação baixar

22 ABR 1993

FÁBIO PAHIM JR.



O economista Carlos Longo, da Faculdade de Economia e Administração da USP disse ontem que a meta do governo, de uma inflação mensal de 17%, só pode ser cumprida com "medidas heróicas, como a criação de um Banco Central independente". Para o ex-secretário nacional da Fazenda, Geraldo Gardenali, o plano econômico que o governo deve anunciar sábado não parece consistente com a queda "mas sim com o aumento da inflação".

O ex-secretário de Política Econômica, Roberto Macedo, acha que os programas econômicos têm de ter metas, porém afirma que não existe "base científica" para se prever a inflação em um modelo econômico estável, algo "que não existe no Brasil". Segundo Macedo, as medidas que deverão ser divulgadas mostram uma situação "ambígua": o governo está preocupado em vencer a inflação e estimular simultaneamente o crescimento, o que, para ele não é compatível. "A possibilidade de êxito é pequena."

Gardenali espera que o governo anuncie sua programação monetária para os próximos meses, combinada com corte de gastos e redirecionamento de despesas, mas no curto prazo, disse, "os preços serão pressionados pela entressafra agrícola, reajustes salariais a prazos mais curtos e correções reais de tarifas públicas". Para Longo, o envio ao Congresso de um projeto de lei definindo a autonomia do BC equivaleria a uma âncora antiinflacionária.

Longo elogia o corte dos zeros do cruzeiro e não acredita na possibilidade de romper a cirkan-da financeira: "Isto só poderia ocorrer pela via radical de um plano de dolarização seguido do alongamento compulsório ou voluntário dos títulos da dívida pública, ou então como fruto da recuperação da credibilidade do governo".